

CAPOEIRA: IDENTIDADE CULTURAL

Rosa Maria Araujo Simões

I - INTRODUÇÃO

Considerada genuinamente brasileira, a capoeira, nas suas mais variadas formas de expressão, engloba, o jogo, a luta, a dança, a música, a arte, o folclore, a religião, enfim, uma filosofia de vida a qual está principalmente estruturada em valores culturais provenientes de povos africanos, ou seja, mediante ao regime escravocrata que era demasiadamente opressor e desumano, os escravos africanos que vieram para o Brasil, os quais já tinham suas próprias crenças e valores, acabaram por criar uma forma de luta pela sobrevivência, afinal de contas, era necessário que eles defendessem suas próprias vidas.

Como pode-se observar, trata-se de regiões geográficas diferentes (África e América do Sul), por exemplo, diz-se que a maioria dos negros que foram para a Bahia (nordeste do Brasil) no período da colonização eram provenientes de Angola e, até mesmo a capoeira acaba por levar o nome de capoeira angola. Esse deslocamento dos povos africanos, que os colocam em diferentes países da América, e portanto, em territórios e situações de vida diferentes, conseqüentemente, propicia transformações culturais e mesmo a criação de algo novo como é o caso da capoeira angola.

É através desta capoeira angola que o presente estudo tem por objetivo retratar algumas crenças e valores remanescentes na cultura afro-brasileira atual o que, conseqüentemente, faz surgir uma indagação: O que é essa identidade, muitas vezes implícita na forma de preconceitos, e outras vezes explícitas nas discussões calorosas que surgem em encontros, cursos e nos próprios grupos de capoeira os quais fazem parte do movimento negro em geral?

Questões a parte, vale ressaltar ainda que a capoeira está espalhada por todo o Brasil e, atualmente, está presente até mesmo em outros países como Estados Unidos da América, Alemanha e inclusive na Argentina, porém, este estudo dá ênfase à cidade de Salvador na Bahia, um importante reduto das tradições da prática cultural denominada capoeira angola e supostamente o local de sua origem, além do mais, a cidade de Salvador é constituída por uma população onde a maioria negra tem uma grande preocupação com sua identidade cultural e além disso, é também, um importante centro turístico, o que promove, de uma certa forma (não levando em consideração os aspectos negativos do turismo), a divulgação de sua cultura.

II - SITUANDO O TEMA PARA A GEOGRAFIA

A motricidade humana (área na qual este estudo foi desenvolvido) sendo objeto de estudo da educação física, por sua vez, pode ser abordada enfatizando o movimento humano como algo dentro das ciências biológicas, humanas e, até mesmo exatas. Só para título de exemplo, um esporte qualquer, uma dança, ou uma brincadeira de roda, podem ser estudados do ponto de vista da biomecânica, cinesiologia, fisiologia do exercício mas, por outro lado, podem ser estudados levando em consideração a questão histórica, filosófica, antropológica, geográfica, social, porque, justamente, fazer uma abordagem acerca do ser humano, implica num “ser” que realiza um determinado conjunto de movimentos corporais pois se move no espaço, se relaciona com o outro, vive e tem uma consciência dirigida para o mundo e para si mesmo.

E, em se tratando de consciência dirigida, vale salientar que os movimentos corporais na capoeira são intencionais, conscientes, tendo por trás desses movimentos uma “filosofia de vida” que preconiza a resistência contra a opressão e a luta pela liberdade. Sua própria origem está ligada a uma necessidade de alguma forma de defesa contra o regime escravocrata bem como contra as conseqüências negativas advindas deste regime após a abolição.

Algumas destas conseqüências negativas a serem consideradas são, por exemplo, “falta” de espaço (domínio de território) e preconceito racial e, com estas, a violência, agressão, desemprego, miséria, assim como outras maneiras de “degradar” a espécie humana. Infelizmente, o ser humano não só tem sentimentos que preconiza o bem do universo, o ser humano também tem um espírito destruidor. É a partir daqui que podemos fazer uma reflexão sobre a identidade enfatizando sua relação com o tema capoeira e sobre crise de identidade e espaço.

1. Capoeira e identidade: o capoeirista e o grupo

Levando em conta que a consciência em termos sociológicos nunca é dada pelo indivíduo e sim pela presença do outro, fez-me lembrar de preceitos da capoeira os quais são muitas vezes expressos em situação de jogo ou nos discursos dos próprios capoeiristas: *“eu jogo com alguém e meu movimento é consciente, não é à toa, é intencional em relação ao outro, sem a presença do outro não há possibilidade de jogo”*¹.

Isto, por sua vez, também dá a idéia de identidade ligada a alguma coisa que é externa.

Ainda fazendo uma reflexão à respeito do trecho do discurso acima, o mesmo parece nos reportar ao pensamento parmenidico quando é afirmado que não há possibilidade de jogo sem a presença do outro, além da presença do outro, há uma série de coisas consideradas partes da unidade “ritual capoeirístico” (como por exemplo a roda de capoeira que representa o mundo) e, nesse sentido, o jogo então, passaria para o plano da inexistência.

Essa questão (identitária) do outro poderia ser trabalhada ainda do ponto de vista de Platão e de Sócrates, pois os mesmos parecem introduzir a noção de pessoas enquanto parte e, no caso aqui, um capoeirista seria parte de um grupo de capoeira onde seriam propícias as trocas de conhecimento, a comunhão dos valores culturais, etc.. A “unidade” capoeira então, por um lado, seria um tipo de “polis grega” em que o capoeirista trataria de se localizar nessa unidade e, se fôssemos fazer uma analogia com o exemplo tão citado em aula e que se referia ao Tales de Mileto, ou seja, aquele exemplo que se reportava ao nome do cidadão que levava consigo o nome da cidade, poderíamos dizer que com o capoeirista acontece o mesmo e aqui, o exemplo seria: mestre Lua de Bobó², ou ainda, fulano de tal grupo de capoeira ou de um determinado bairro e, conseqüentemente, representariam uma linha de capoeira de um determinado lugar ou de um determinado mestre que, por sua vez, permitiria que houvesse uma certa identificação dos mesmos.

Por outro lado, o capoeirista também é a própria unidade, seja no sentido de indivíduo (o que é indivisível), seja no sentido de visão de corpo, pois é introduzido na capoeira o

Comentario [x1]:

¹Trecho do discurso de Valdelice, conhecida como Jararaca no meio capoeirístico. É treinél (estágio dentro da capoeira angola no qual é permitido ao discípulo que ministre os treinos) de Mestre Curió da cidade de Salvador -BA.

²Mestre Lua é conhecido como Mestre Lua de Bobó porque foi discípulo de um dos mais importantes mestres de capoeira angola, Mestre Bobó, falecido já a dois anos.

elemento malê³, uma forma diferente de dizer corpo, ou melhor, uma visão ocidental que dicotomiza corpo e mente ou que coloca a mente como superior ao corpo não serviria para a capoeira.

Mas, como pensar a ambivalência, “se localizar na unidade” e “se localizar como unidade”? Talvez, a própria influência dessa forma de pensar (se localizar na unidade), a qual parece tão distante através dos tempos, esteja dentro de nós e não nos damos conta disso, assim como muitas vezes não nos damos conta do “me localizar como unidade”. Essa questão está sendo levantada, por conta também, do termo “identidade cultural” ser muito abordado no meio capoeirístico, o qual, por sua vez também mostra uma idéia de ser enquanto parte, enquanto parte de uma identidade cultural, pois o capoeirista como parte da unidade é identificado através de um conjunto de valores que é comum entre eles e que, portanto os diferencia dos demais.

Em se tratando do pensamento medieval, por exemplo, poderíamos dizer que o mesmo tem uma certa semelhança com a capoeira, ou que exerceu até mesmo uma certa influência no tocante às suas crenças, principalmente se formos considerar a questão do sincretismo religioso, pois para os capoeiristas, as orações (algumas delas conhecidas do cristianismo) são vias de acesso à revelação das forças de orixás, ou de espíritos, até mesmo é comum se falar no meio capoeirístico tradicional: *quando estou jogando capoeira, não sou eu quem joga*, e isto é dito num sentido que pode ser interpretado como um tipo de encarnação ou como uma força superior que dá coragem para a luta ou para o jogo da vida, dos quais fazem parte, o que conhecemos como relações humanas que, por sua vez, podem propiciar separações entre os homens bem como podem propiciar o contrário.

Mas, se o Deus cristão foi criado para reunificar os homens que estavam social e politicamente separados, é claro que os capoeiristas (não sendo os únicos a sofrerem influência desse pensamento e, não sendo os únicos a sofrerem discriminações pejorativas justamente por serem diferentes, principalmente quando no regime escravocrata) não ficariam de fora e acabariam até por usar ensinamentos bíblicos para justificar a união necessária para a ilustre luta da sobrevivência.

A união porém, não é uma tarefa fácil, e o que acontece geralmente, é a união em forma de grupos, mesmo assim, no interior desses grupos sempre há divergências e, conseqüentemente, atritos que podem causar separações entre os homens. A partir daí, surge a necessidade do tópico a seguir.

2. Capoeira e crise de identidade

Eu sou negro e tenho minha identidade.

*Se eu tiver que suprimir o branco para firmar o negro, então a identidade não existe.*⁴

O contrário também poderíamos afirmar com relação aos brancos, principais responsáveis pelas atrocidades cometidas contra os negros, durante e após o período de escravidão. Com esta afirmação não se pretende justificar as atitudes dos negros que se colocam assumidamente racistas com relação aos brancos mas, apenas situar o contexto em que brancos e negros viviam o qual propiciou a origem de uma forma de defesa denominada capoeira.

³Informação proveniente de Muniz Sodré quando palestrava no I Encontro Nacional de Capoeiristas Negros, realizado nas Universidades Federal e Católica de Goiânia em maio de 1996.

⁴Fala do professor Orlando P. de Miranda do curso de pós-graduação em Sociologia da USP em uma de suas aulas sobre Teoria da Identidade.

Se pensarmos que o português invadiu as terras brasileiras, impondo seus costumes, catequizando índios e até mesmo exterminando-os e, posteriormente, escravizando o negro africano, açoitando-o, deixando-o morrer nas embarcações a caminho da nova terra “descoberta”, então quem estaria em crise de identidade seria o branco. A identidade do branco português, então, não existiria pois, todas essas atitudes citadas acima eram formas de suprimir tanto índios como negros, ambos representantes de culturas bem diferentes das do europeu.

Como poderia ficar o negro, ou mesmo o índio, sem se defender? O que fala mais alto é a luta pela sobrevivência e aqui, não sei se caberia discutir se há ou se não há identidade, pois, de uma certa maneira, tanto brancos, como negros e até mesmo índios estão se suprimindo uns aos outros e, pensando desta maneira, todos estariam em crise de identidade.

Mas, se formos levar em conta a contradição identitária fundamental abordada por Tönnies⁵, ou seja, a questão do homem ser homem por referência a ele mesmo, poder-se-ia pensar que a crise de identidade não deixaria de ocorrer pois, esse homem se distinguiria de um outro, mesmo cercado e significado pela sua coletividade e pelo seu meio natural. Desta forma, o que parece ter identidade são seres singulares, independentemente de sua raça, de sua cor ou de sua nacionalidade, o que seria contraditório em relação à identidade cultural enquanto “elo” entre sujeitos em que o “um” se identificaria no e com o outro sem se dar conta que é ele mesmo (os sujeitos talvez seriam identificados como iguais por representarem uma cultura ou uma parte dela).

E, pensando a capoeira analogamente à comunidade, veremos que:

*(...) os valores dirigem a ação pessoal para a coletividade, que, no limite, consiste em uma dimensão ontológica (um ser social), que absorve seus componentes singulares, cuja essencialidade só se dá enquanto referida ao ser coletivo.*⁶

O capoeirista assim, não seria uma representação da capoeira, e sim, uma dimensão de si mesmo e do outro simultaneamente e, a capoeira, por sua vez, se encontraria numa dimensão de identidade concreta, porque nela também há espaço para a expressão da igualdade e para a força dos fenômenos e valores identitários. Por outro lado, sabemos também que as “relações entre os seres e as relações dos seres com o meio” são muito maiores e mais complexas do que imaginamos, e isto nos possibilita perceber que, na prática, sempre haverá um misto do tipo-comunidade com o tipo-sociedade. Apenas para ilustrar melhor o que foi abordado anteriormente, peguemos a questão racial como exemplo: *a maior parte dos professores brancos negam a história do negro e, a capoeira contemporânea está excluindo os negros porque está havendo o domínio da classe média. A capoeira sem um preto fica difícil*⁷. Através desta frase surgiu uma calorosa discussão porque, primeiramente, mestre Miguel é negro e é uma das pessoas que contribuiu para a propagação da capoeira no estado de São Paulo, começando por Ribeirão Preto. Segundo, e conseqüentemente, o Grupo Cativoiro, no momento já espalhado por vários lugares do Brasil, parece ser composto por uma grande maioria branca e, conseqüentemente parece ter contribuído para o embranquecimento da mesma, assim como aconteceu com o Grupo Senzala, bem como com outros grupos de capoeira. Situado o contexto no qual originou a discussão podemos nos transportar para a questão do tipo-comunidade e do tipo-sociedade

⁵MIRANDA, O. P. *Para ler Ferdinand Tönnies*, São Paulo: EDUSP, 1995, p.67.

⁶Idem, p. 65.

⁷Fala de Mestre Miguel do Grupo Cativoiro proferida no I Encontro de Capoeiristas Negros em Goiânia.

respectivamente, isto é, no primeiro tipo estaria a capoeira como forma de identidade cultural onde, como foi dito anteriormente, haveria o espaço para a expressão de igualdade e para a força dos fenômenos e dos valores culturais e, no segundo estaria a capoeira como mercadoria para ser comercializada, para entrar no espírito de competição, para afirmar a diferença e para isolar o indivíduo. Portanto, poder-se-ia dizer que o discurso proferido pelo mestre Miguel está inserido no tipo-comunidade e sua prática, inserida no tipo-sociedade.

Isto não poderia ser considerado uma expressão de crise de identidade?

Por outro lado, apesar de sabermos que o fundamento da capoeira preconiza a “domesticação” da violência, o que se pode notar é justamente o contrário. Com excessão de alguns grupos de capoeira mais tradicionais, tanto de capoeira angola como de capoeira regional, a violência é geralmente constante. Será que isto é uma descaracterização da capoeira ou será que é mais um indicio de crise de identidade? Ou ainda: ambas são a mesma coisa?

A violência e, enfim, a falta de consciência em geral a respeito dos fundamentos da capoeira, infelizmente nos permeia e isso não é apenas em relação à discriminação racial, a violência está tanto entre os brancos como está entre os negros. Muitas vezes está presente muito mais entre os brancos. E se formos considerar o fato de ser mulher ou de ser homem, pode-se afirmar, ainda, que a violência está presente mais nos capoeiristas de sexo masculino do que do sexo feminino.⁸ Seria isto, mais uma afirmação feminista? Não, apenas algo mais para os “homens” refletirem.

RITUAL DE ENCERRAMENTO

Sendo a capoeira, de origem brasileira, poderíamos dizer (talvez ingenuamente) que a mesma, acima de tudo, tem uma relação com a própria identidade nacional. E, mais especificamente, se alguém falar de Bahia, instantaneamente imaginará um berimbau⁹ e se lembrará da capoeira. Pode ser que seja um alemão, um italiano, um argentino ou de qualquer outra nacionalidade, mas, se ouvirem falar da Bahia, ou de capoeira, conseqüentemente eles saberão que se trata de Brasil.

Enfim, por mais que haja uma identidade cultural (como é o caso da capoeira) sempre haverá conflitos que podem causar uma crise de identidade. A violência presente, não só nas rodas de capoeira, bem como no mundo todo, poderia ser considerada uma forma de expressão de crise de identidade.

*Acontece que um território (a Colônia) não se esgota no projeto explorador de uma Metrópole. O território tem marcas próprias, tem sua particular dinâmica de relacionamento com o real (a cultura), capaz de às vezes refazer ou pelo menos expor as regras do jogo dominante. Muitas vezes, a lei metropolitana, como se dizia nas colônias hispano-americanas, “se acata, pero no se cumple”.*¹⁰

E aí, a capoeira não só continua existindo mas como também se espalhou.

Ê volta do mundo, camará!

⁸Esta afirmação pode ser feita por ser baseada em minhas observações enquanto participante de encontros de capoeira, enquanto visitante de algumas academias e, enquanto espectadora de rodas de capoeira realizadas em praças públicas

⁹Instrumento musical utilizado no ritual capoeirístico. No jogo de capoeira ele é o mestre da roda.

¹⁰SODRÉ, M. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*, Vozes, Petrópolis, 1988, p.35-36.